

## **AS CRIANÇAS E AS RELAÇÕES RELIGIOSAS NA ESCOLA: Entendimentos e re (ações)**

Karla Jeniffer Rodrigues de Mendonça

*Universidade Federal da Paraíba  
karla-pessoa@hotmail.com*

### **Introdução**

Este trabalho é o resultado de um processo de pesquisa traçado enquanto cursava mestrado em sociologia entre os anos 2016-2017. Este estudo foi realizado em uma escola pública da região periférica de João Pessoa-PB, na qual também atuo profissionalmente, na qual após observar diversas situações em que ações religiosas se emaranhavam nas ações educacionais por parte dos educadores, objetivou-se perceber e analisar as percepções e entendimentos das crianças neste contexto.

Na escola as diversidades se encontram e entre elas as religiões, que são causadoras das muitas discussões envolvendo a concretização da laicidade nas instituições educacionais públicas; as expressões religiosas principalmente cristãs são ainda uma realidade para todo o território brasileiro nas instituições, como coloca Emerson Giumbelli (2004)

No Brasil, houve a separação entre Estado e Igreja, mas sem a contrapartida da definição desse espaço propriamente religioso... O resultado é a articulação entre um Estado “moderno” – juridicamente laico – e uma sociedade “tradicional” – que não necessita se organizar de modo a manter o religioso dentro de limites próprios e específicos”. (GIUMBELLI, p.57, 2004)

Na escola pública símbolos e significados podem ser encontrados através das ações e da imagem dos sujeitos ou na estrutura física da escola, promovendo uma dinâmica troca de conhecimentos e vivências em relação ao ser religioso. Adultos e crianças interagem em um contexto educacional muito disciplinador, no qual em especial os adultos, a partir da sua religiosidade, se apoiam em ações e rituais na intenção de uma educação moralista e baseada em bons valores de convivência, expressando no cotidiano educacional estas condutas entrelaçadas com o fazer educação.

Reconhecendo as relações inter e intrageracionais dos contextos em que as crianças participam, este trabalho se pauta no diálogo entre o que e como se aprende na infância sobre o religioso, trazendo uma discussão sobre essas religiosidades que se expressam na escola como parte do cotidiano. Pretende-se mostrar que este contexto é visibilizado, analisado e reconhecido pelas crianças em seus relatos e atos durante um processo em que aprender e ensinar se desenvolve bem menos passivo do que se acredita, afinal com coloca Maluf (2001)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

o corpo é [...] “produtor de significados, instrumento e motor de constituição de novas subjetividades e novas formas do sujeito”. (MALUF, 2001, p. 96).

Desta forma, aqui reflete-se sobre a multiplicidade de significados que podem ser (re)criados e expressados com os sujeitos, seja na infância ou na adultez.

## **Metodologia**

No trabalho com as crianças a troca de informações e relatos sobre a vida social de cada uma ocorre cotidianamente, elas contando sobre si e também curiosas sobre todos os outros. Assim esta é uma pesquisa traçada a partir de uma observação participante com crianças entre 9 a 12 anos em uma sala de aula de uma escola pública de João Pessoa em que atuo profissionalmente.

Portanto, através das conversas e as contações de histórias por parte delas que pôde-se perceber um enredo que revelava muito sobre o contexto multicultural em que as crianças se encontram em suas relações sociais no que se refere as vivências religiosas dos espaços que frequentam em comunidade e o que observavam se assemelhar no contexto escolar.

No entanto ao procurar observar o contexto religioso deste grupo durante estes diálogos ou no ensino do conteúdo curricular em que o tema acabava por aparecer, no interesse em entender como as crianças compreendiam significados, ao mesmo tempo em que elas também traziam perguntas curiosas e críticas sobre os significados apresentados pelo grupo durante as conversas, elas se posicionavam se estavam corretas em relação aos seus entendimentos.

Como aponta Flávia Pires (2011):

[...] uma vez que a relação professor-aluno baseia-se, em alguma medida, no pressuposto de que o primeiro sabe e o outro ignora. Se as crianças vêem a pesquisadora como aquela que sabe de tudo, pode ser difícil estabelecer uma relação direta e franca, em que elas sintam-se à vontade para expressar seus sentimentos e pensamentos. (PIRES, 2011, p.52).

A relação entre o adulto enquanto pesquisador no multiverso infantil é bastante desafiadora já que é comum que as crianças procurem aquele que para ela “sabe mais” para responder suas mais variadas dúvidas e curiosidades, desta forma é que o pesquisador ao lhe direcionar uma questão, ela pode retornar com muitas outras. Foi o que aconteceu.

Nesta pesquisa desenvolvida com as crianças, reflete como elas entendiam o mundo e as ações dos adultos, como percebiam este contexto no qual inicialmente pareceria naturalizado pelos educadores, mas revelou-se também analisado e percebido pelas crianças.

## **Resultados e Discussão**

As crianças durante a observação participante realizada nesta pesquisa, expressaram seu cotidiano religioso e espaços diversos que compreendem fazer parte de um contexto religioso mostrando mais uma vez uma não passividade em relação às religiões. Apresentaram as igrejas católicas e protestantes como espaços que já frequentaram, porém algumas colocaram experiências familiares em rituais e contextos religiosos diferentes daqueles que diziam pertencer realizando análises sobre a experiência.

Uma das crianças relatou sobre como achou “estranho” todo mundo pulando em uma igreja evangélica na qual diziam estar recebendo o espírito santo, e imediatamente duas outras crianças realizaram uma explicação detalhada sobre o que a colega relatara, o que despertou o interesse da turma em compreender os sentidos daquele ritual.

Neste sentido apareceram relatos de momentos na escola em que os professores realizavam orações com as crianças, o que para a maioria delas não fazia sentido e para outras entendiam como um ritual necessário para o cotidiano, assim como acontece em casa. Os pedidos à Deus, para estas são necessários, porém também apontam que acham chato ficar em pé e repetir o que o adulto fala: “professora eu tento me concentrar, mas não consigo” (F, 9 anos).

Ao ser solicitado para que desenhassem em que momentos estes rituais acontecem, ilustraram a igreja em especial e em seguida a escola, após terem perguntado se esta também podia ser desenhada. Foi questionado o porquê da pergunta e as crianças disseram que “na escola estuda, mas na igreja também... as vezes as duas parecem iguais” (roda de conversa). Em sua maioria, demonstram desconforto em situações em que são envolvidos em rituais que não se enquadram no que vivenciam no contexto familiar, mesmo entendendo que os adultos coloquem estas questões religiosas para “ajudá-los a serem melhores na vida”. (D., 11 anos).

As crianças relataram ainda vivências na igreja e ensinamentos dos adultos em relação às questões morais envolvendo o respeito aos ensinamentos bíblicos diante das “bagunças”. Eu perguntei o que achavam destas interferências dos adultos em suas ações, e colocaram que “é para gente de acalmar...acho que eles dizem que tem coisa no corpo, igual na minha igreja.” Neste momento, outras crianças apontaram que na igreja dizem às crianças como elas devem ser, bem como na escola, mas nem sempre elas fazem como apontado pelos adultos pelo fato de estarem aprendendo e isso não acontece rápido: “precisa falar muito porque sabe né...crianças gosta de bagunça” (L., 11 anos).

A corporeidade é presente nas relações de aprendizagem das crianças e em relação a estas relações religiosas é muito visível quando as crianças contam sobre as ações dos adultos

direcionadas a elas. Estes rituais presentes na escola como rezar antes de comer, antes da aula ou orar para uma criança que se demonstra agitada, são por vezes aceitos pelas crianças que já convivem estas ações no contexto familiar, e pelas outras que não vivenciam é visto como ajuda e também como um esforço, por vezes autoritário, de modificá-las.

Nestas conversas sobre os rituais religiosos entravam também sentidos os quais as crianças se negavam verbalizar por serem do mal, e muitas vezes também misturavam a estes relatos, outros encantados apresentando a curiosidade e a dúvida sobre o fato de existirem ou não a partir. Flávia Pires (2011) retrata fato semelhante em seu trabalho com as crianças em Catingueira – PB: “Quem tem medo de Mal-assombro?”, analisando a sua relação, criação e recriação pelas crianças.

## **Conclusões**

As crianças ao se depararem com significados religiosos no espaço escolar, em meio as relações intergeracionais, parecem encarar como práticas comuns que fazem parte da maneira de viver dos sujeitos na instituição, desde que corresponda àquelas que já vivencia em seu contexto familiar. Para os adultos esta prática não é entendida como uma imposição, mas atos cotidianos válidos moralmente e emocionalmente para os que ali são participantes.

As crianças ao serem ensinadas a pedir e a agradecer, por mais que para algumas não faça sentido, entendem que estes atos fazem parte do seu cotidiano e estarão em sua trajetória de vida como uma necessidade habitual e social, afinal desta forma os adultos com os quais se relacionam demonstram também entender e assim compartilhar. Porém entendo que estas ações não ocorrem sem criticidade e questionamento, inclusive muitas vezes, mesmo participando do ritual ou ação ocasional na escola, elas demonstram estranhar e se recusam a se envolver na ação coletiva “normalizadora/normatizadora”.

A partir destas observações se tem a noção momentânea de que é de maneira variada que estes rituais vão se (re)construindo durante a infância diante dos significados compreendidos e assimilados a partir das experiências, isto é, pelos atos e pela convivência com os outros nas suas mais variadas formas e ambientes. Podemos considerar com base nas discussões feitas até aqui, que as crianças agenciam esta aprendizagem durante os rituais e em se relacionar com os adultos nestas ações religiosas de forma consciente e participativa, mesmo que entrando em conflito com a situação. Elas realizam conexões com diferentes experiências que venham realizar, e vão (re) construindo especificadamente seus conceitos e ações religiosas.

## Referências

- GIUMBELLI, E. Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. **Revista Estudos Avançados**- Coletânea Religiões, 18 (52), 2004, p. 47-62. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300005). Acesso em 15/12/2016
- MALUF, Sônia. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, v.9, n.9, 2001:87-101.
- PIRES, Flávia. **Quem tem medo do mal assombro?** Religião e infância no semiárido nordestino. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.